



EDITOR—ALFREDO JOSÉ DE SOUSA
Tiragem 1:000 exemplares

ASSINATURAS

PORTUGAL E COLONIAS, ANO, 1\$20; ESTRANGEIRO 2\$00.
NUMERO AVULSO, \$03. ANUNCIOS, PREÇO CONVENCIONAL
COMPOSTO E IMPRESSO NAS OPCINAS DA UNIAO FIGUEIROENSE

Proprietario e redactor gerente — JOSE MIGUEL FERNANDES DAVID
O JORNAL DE MAIOR CIRCULAÇÃO NO NORTE DO DISTRITO DE LEIRIA

Director politico — ALFREDO SIMÕES PIMENTA

Não pensem n'isso!

Vê-se dos extractos dos jornaes de grande informação que certos elementos desafectos ao Regime tentam, á mão armada, transformar o actual estado de cousas da politica portugueza. Se esses elementos contam apenas com o seu valimento e esforço, não o sabemos, mas a avaliar pela maneira como exercem a sua acção... «demolidora», é de crer que assim seja. Os monarchicos, apoucados em numero, em dinheiro e em esforço belico, constituem hoje uma força tão pequena, dentro do paiz, que é quasi nula, para não dizermos de nenhuma importância.

Combatendo por um ideal que caiu de pôdre, não tendo a acompanhá-los a energia das classes baixas e medias, que são precisamente aquelas que organizam e fazem triunfar as revoluções, os sonhadores do regime palaciano tentam, de balde, restaurar a monarchia dos latrocínios, da imoralidade e da roubalheira infame, que tombou em 1910, ao som victorioso dos canhões libertadores.

A monarchia dos Braganças foi abolida, de vez, em Portugal. Ninguém tenha ilusões a tal respeito. O sistema monarchico não tem hoje razão de ser no nosso paiz. Ainda mesmo que os ultimos reinados não tivessem patenteado a toda a nação uma falta de senso davorosa, uma sem-vergonha illimitada, a monarchia seria insustentavel por mais tempo, porque a não tolera o civismo do nosso povo, consciente dos seus direitos e da sua força.

Toda a gente sabe isto, porque toda a gente o sente e vê.

Nem pela força bruta, operando incursões armadas no paiz, ou repetindo os tragicos acontecimentos que cá dentro se têm desenrolado, nem com habilidosas campanhas que tenham por fim desprestigiá-las Instituições e os seus principaes vultos, a Republica deixará de ser em Portugal a forma de governo que o povo fez e quer.

Contra o bandoleirismo de manto e cordão, ergueu-se nas ruas da capital a revolução gloriosa de 4 de outubro de 1910. Contra a traição infamante e cobarde da ditadura Castro, levantou-se o movimento triunfante de 14 de maio de 1915. Não obstante entre uma e outra d'estas revoluções ter mediado o espaço de quatro anos, os mesmos republicanos que fomentaram a primeira, apparecem cheios do mesmo espirito corajoso, da mesma abnegação patriótica pelos principios republicanos, a fazer a segunda.

Podia imaginar-se que a Re-

publica, nos primeiros anos da sua existencia, lutando com os odios dos seus inimigos e com as multiplas dificuldades que sempre sugerem em casos taes, houvesse produzido descontentamentos, disillusões e até graves arrependimentos entre os que, tendo-a sonhado uma perfectibilidade na pratica, contudo, mesmo por despeito, d'ela se arredassem. Podia imaginar-se que uma parte do exercito que acatára as novas Instituições, mais tarde não quizesse submeter-se a elas, aproveitando o primeiro ensejo para as combater. Podia imaginar-se até que a Republica não era o regime que o povo indifferente preferia, mesmo sem sair do seu indifferetismo. Mas tudo isso, que se podia imaginar e que tem servido de argumento para alimentar as esperanças de meia duzia de idiolas ou traidores, de que a monarchia não era ainda um ideal liquidado, tudo isso, repetimos, desapareceu em face da revolução de 14 de maio. Com essa jornada gloriosa, não podiam ficar esperanças aos monarchicos de, mais tarde ou mais cedo, derruirmo o actual Regime.

Como se comprehendem então as diligências que essa gente continua empregando no sentido de embarçar a vida da Republica? Não é certo que, de vez em quando, são apreendidos carregamentos de material de guerra, que se averigua ser de proveniencia monarchica e com destino a conspirações armadas? Pois, «quando as folhas mexem, algum vento as toca», podem os leitores ponderar. E assim é. Sendo certo que se apreende armamento com tal proveniencia, sendo certo que se conspira ás escanarras contra o actual estado de cousas, pode dizer-se que os monarchicos tentam algum golpe de mão.

A razão é simples, em nosso entender: fóra das fronteiras ha centenas de homens que, condenados ao exilio pelas suas ideias realistas, não podem vir ao solo da Patria curar-se da nostalgia que os devora e angaria os meios legaes de uma existencia a que têm direito como fazendo parte do genero humano. Para entreter os ocios, dar pasto á imaginação sonhadora, viver em espirito com os seus concidadãos e «governar a vida» o melhor que podem, inventam as intencionas, especie de sport que diverte, que mata as tristezas e que, sobretudo, enche as algibeiras...

E n'isto se resumem as tentativas de «restauração», que servem apenas para «restaurar» a saúde, os creditos aguerridos e as algibeiras! Mais nada.

Ninguém hoje pensa a serio na possibilidade de fazer renascer um sistema governativo que não mais provas deu, arrastando para a beira do abismo um povo inteiro de tão belas e grandes tradições. Nem os proprios monarchicos podem tomar o seu «papel a serio», sabendo que a sua obra é condenada e desprezada por todo o paiz, de norte a sul e de leste a oeste.

Antonio Simões Rosa

Já retirou de Pedrogam Grande, onde ha tempos se encontrava, o nosso amigo e cor-religionario sr. Antonio Simões Rosa, conceituado comerciante na praça de Lisboa.

Este nosso amigo foi acompanhado do sr. Carlos Nunes Coelho, comerciante na mesma cidade.

nas duas freguezias, e não pode pagar como sendo grande.

Portanto, o que ha a fazer, e com urgencia, é desdobrar a freguezia, sede, creando outra. Ficará o concelho com tres freguezias e, assim, já será mais pequeno...

Um lapso

Por lapso, o «Mundo» insinuava ha dias, num telegrama que publicava desta vila, que o delegado do procurador da Republica da nossa comarca recorrera da sentença que absolveu um reu que ahi respondeu, por má vontade.

O mesmo jornal rectificou a noticia mas, por curiosidade, acrescentamos que o recurso, no caso de que se trata, é obrigatorio, tendo sido dadas instruções n'esse sentido pelo proprio advogado do reu, quando ministro da justiça.

Se não fosse lapso, era tolice...

Humberto Silvano

Já regressou a esta vila o nosso amigo Humberto Teles de Paiva Silvano, escrivão de direito nesta comarca.

Escola de repetição

Devendo passar por aqui nos principios de setembro, o regimento de infantaria 15, em exercicios da escola de repetição, esteve nesta vila o tenente do mesmo regimento sr. Armando Zaide da Fonseca e Almeida, que veio escolher os pontos onde devem ter logar os combates e colher outros esclarecimentos que se ligam com o mesmo serviço.

Segundo nos informam, s. ex.ª foi bem impressionado com os recursos de que esta vila dispõe e dos admiraveis pontos de combate, impressões que fará chegar ao comando superior do seu regimento.

O sr. administrador do concelho, logo que teve conhecimento da chegada do referido oficial e do fim que visava a sua vinda á esta vila, poz-se ao incondicional dispor do mesmo official, prestando-lhe todos os esclarecimentos, acompanhando-o aos pontos que se podiam prestar para os exercicios e prontificando-se a ajudá-lo na aquisição de generos e acomodações para o referido regimento.

Oxalá algum incidente não venha translorar a passagem por aqui do mencionado regimento, com a qual muito teriam a lucrar os povos desta região e todos teriamos ensejo de passar umas horas felizes.

Joaquim da Silva Pimenta

Acompanhado de suas ex.ªs filhas, chegou hoje a esta vila, o nosso amigo sr. Joaquim da Silva Pimenta, conceituado comerciante na praça de Lisboa, hospedando-se em casa do seu velho amigo sr. Manoel Rodrigues Perdigo,

ECOS & NOTÍCIAS

Pelo amor de Deus!

O' srs. deputados e senadores d'aquem e d'alem Zezere, pelas atminhas d'aqueles que andaram por montes e vales a recomendar as vossas candidaturas nas ultimas eleições, não nos deixeis ficar sem os dez contos que já tinham sido distribuidos para a estrada que vai ligar este concelho com o da Certã!

O' sr. dr. Manoel Monteiro, lembre-se de nós com os taes dez contos para a estrada, por que cinco é muito pouco e não chega a nada!

Se esse dinheiro não vier salvar a triste situação em que se encontram estes povos, cometem v. ex.ªs o maior pecado do mundo... de que jámais os absolverão as raparigas de Sernache, Certã e Figueiró, que sem a conclusão da dita estrada, não casam nestes anos mais proximos!...

Os «Itharcos»

Afinal, os srs. Itharcos, que arrotavam postas de pescada... podre, tinham a repartição n'um caos! E' o que nos dizem ter sido apurado pelo respectivo sindicante.

E' o tristissimo effeito de protecções escandalosas, permitindo-se uma imoralidade como a que aqui apontámos, de estar uma repartição exclusivamente entregue a uma catrefa de Itharcos!

O caso ainda ha de dar que falar, porque estamos na disposição de falar alto a pedir as reponsabilidades a quem de direito.

E' possivel que alguns Itharcos queiram continuar em Castanheira, mas estão enganados.

Nenhum ali pode ficar. Nenhum!

Inspecções

Nos proximos dias 20 e 21 apresentam-se nesta vila á junta de inspecção militar os manobcos que completam vinte anos.

Não obstante a profunda remodelação que sofreram as nossas leis militares, tornando suave e obrigatorio o serviço nas fileiras, é tal a falta de educação civica nos pequenos meios e o pavor que a monarchia nos legou pela tropa, que os rapazes consideram-se infelizes sendo apurados!

E' uma vergonha dizer-se isto, mas é assim.

Um escandalo!

Ha 15 anos que está parouquiando a freguezia do Abiul, concelho de Pombal, o mascarmo Joaquim Teixeira da Silva, reaccionario que respirava a plenos pulmões a brisa da ditadura Castro, odiando os republicanos e a Lei da Separação, como discipulo obediente das leis de Loiola.

Como ha tantos anos não conseguiu ainda obter uma duzia de amigos dedicados na sua freguezia, as

finanças estão cada vez mais em baixo e o tonsurado lembrou-se de arranjar uma fita com o bispo e, á sombra d'ela, pedir a pensão que em devido tempo recusava terminantemente!

A commissão distrital de pensões, como no caso estão empenhados os deputados evolucionistas, não ha de fazer-se esquivar... Lá em Lisboa, patrocina a escandalosa pretensão o sr. Eloi, pedindo aos deputados democraticos...

O trabalho está bem preparado e os republicanos de Pombal verão em breve como um mascarmo d'aldeia tem mais habilidade que um provincial da Companhia de Jesus!...

Não faz sentido

Foi o outro dia votado no parlamento um projecto de lei aumentando os vencimentos aos funcionarios das administrações de concelho.

Concordamos em absoluto com essa medida, porque os vencimentos d'esses servidores do estado eram miseraveis, para não dizermos uma vergonha! Mas o projecto foi votado e não discutido, do que resultou que os secretarios ficaram a ganhar mais que os administradores, em alguns concelhos, e havendo tambem concelhos onde os secretarios ficaram ganhando menos do que até aqui, por lhe serem suprimidos os emolumentos!

Emfim, uma lei excelente no seu espirito justiceiro e desastrada na pratica!

Coisas do nosso paiz...

Crise ministerial

Annunciámos no ultimo numero uma crise ministerial para sair do governo o sr. dr. José de Castro.

A crise é, efectivamente, um facto, mas a queda do gabinete só se dará em outubro, saindo todos os ministros e organisando-se então um ministerio retintamente democratico da presidencia, segundo uns, do sr. Norton de Matos e, segundo outros, do sr. Azevedo Coutinho.

O actual governo demora-se, pois, nas cadeiras do poder por mais uns dias, limitando-se a dar simples expediente ás respectivas secretarias.

E' o que nos consta.

Insistindo

Não ha nada que não tenha remedio. Pela lei, os concelhos, cuja freguezia (sede) tiverem mais de quatro mil habitantes, são classificados na 5.ª classe para os effeitos da contribuição industrial. Ora, acontecendo que a freguezia de Castanheira de Pera, por ser composta de povoações distantes umas das outras, está n'estas condições, entendeu-se que o concelho é de 5.ª classe.

Não é tal! O espirito, da lei não pode ser tal cousa, por iniqua! O concelho é pequenissimo, tendo ape-

NO ANIVERSARIO

DO

Centro Escolar Democratico José Jacinto

Ha precisamente cinco anos, que um grupo de tres automoveis atravessando as ruas de Figueiró, em direcção a Pedrogam Grande, lhe veio dar uma nota de interesse, e ao mesmo tempo de assombro. Pois que? Em plena monarchia dos Braganças, havia quem ousasse astear n'aquelas derreadas locomotivas a bandeira verde-rubra da Republica, e com ela desfraldada ao vento, atravessar campos, vilas e aldeias?!

Mal diriam aqueles a quem as pequenas bandeiras causavam calafrios de desespero, que aquela pequena carabina, perante a qual, em flagrante contraste, eu vi em pleno campo, homens rudes do povo, tirar o seu chapéu e a plenos pulmões saudar a Republica, era a percursora d'um ideal novo, e que aquela jornada acidentada, tinha um fim altruista e moralizador! Ha cinco anos que aquele grupo de homens abandonou por momentos a sua vida de trabalho em Lisboa, para fazer a inauguração solene d'uma escola na sua terra.

A semente havia sido lançada á terra em setembro de 1909, e com o concurso d'uma pequena quota de todos os filhos de Pedrogam e com o auxilio nunca esquecido do patricio illustre Antonio Jacinto Fernandes, a quem a escola tudo deve, a semente que era boa, produziu aquela obra pequenina que ali se ergue como um monumento, e que homens illustres quiseram tornar grande com os seus louvores.

Hoje que 5 anos decorrem sobre esse ato, eu quero rememorar no meu coração aquela jornada de velhos amigos, cheios de fé num futuro melhor para a sua terra.

Ali se encontraram á sombra da mesma bandeira, aqueles que na propaganda da Republica tinham visto branquear o cabelo, e os novos, que na conquista do ideal arriscavam já o seu bem estar e a liberdade!

A obra lá está na velha vila de Pedrogam a mostrar quanto vale a iniciativa dos humildes, quando a serve uma fé desentressada, e então hoje, uma mesma fé me anima, e nos hade reunir na defesa e manutenção d'aquella obra, que é honra da colonia e do povo de Pedrogam.

A escola do Centro José Jacinto, veio preencher uma lacuna importante; fundou-se numa epoca em que as escolas officiaes não funcionavam, e de então até esta data, a sua frequencia tem sido sempre grande.

Não se trata como todos sabem d'uma obra politica, mas simplesmente d'uma escola fundada por republicanos.

A politica partidaria ficou logo banida com a aprovação dos seus estatutos, e tanto os seus intuitos tem sido compreendidos, que os seus progressos se tem manifestado d'ano para ano.

Comemorando pois o seu aniversario eu faço um apelo aos que ainda lhe não prestam o seu auxilio, para que contribuam na medida das suas forças para o seu progresso, que o mesmo é, contribuir para o levantamento da nossa terra.

Lisboa, 15 d'agosto de 1915.

Augusto N. d'Azevedo

N. da R.—Por ter chegado tarde, não poude ser publicado no ultimo numero a local que ali fica transcrita, o que gostosamente hoje fazemos.

O Peixe

As revelações do sr. visconde de Pedralva—Uma verdadeira monstruosidade—Tomem-se energicas providencias

Na Camara dos Deputados um dos representantes da nação, o sr. visconde de Pedralva, occupando-se da grave questão das subsistencias, teve ensejo de se referir a um dos principaes alimentos do povo: o peixe. E tratando do caso do peixe, fez a seu respeito uma revelação importante, que é absolutamente necessario verificar, para que, verificada ella, se tomem as providencias energicas que reclama.

A Republica deu a liberdade da pesca, precisamente para que o publico podesse contar sempre com a abundancia e a barateza do peixe.

Mas essa medida, inspirada em tão excelente principio, foi iludida pelo aqumbaramento do gelo, indispensavel para a conservação do pescado. E como isso não basta, o sr. Pedralva afirma que «para se evitar, pela concorrência, que o preço baixe, se tem cometido o crime de se deitar o peixe ao mar ou deixal-o apodrecer nos frigorificos».

E' tão monstruoso este acto que nos custa a acreditar na sua veracidade. Todavia ele foi denunciado no parlamento por um deputado da nação, e é absolutamente forçoso que se esclareça, porque não se pode admitir que enquanto uma população inteira se vê em face d'uma gravissima crise de subsistencias, derivada do exagerado preço a que chegaram, se esteja inutilizando o peixe, que entra em tão grande parte na sua alimentação, precisamente para manter a alta de preços que a esfomeia.

Provando-se a accusação do sr. visconde de Pedralva, desde logo se conclue que tem razão as classes populares, que exprimem as suas reivindicações na questão da alimentação publica. E' preciso que o governo e o parlamento olhem por este estado de coisas, porque se vai demonstrando que as consequências funestas da guerra se junta uma exploração inqualificavel, que as agrava, tornando ainda mais afflicta a nossa situação.

O tempo que corre é precioso. Impõe-se para breve uma resolução do problema. As classes interessadas, o povo inteiro, que aproveitem esse tempo para esclarecer a questão de alto a baixo. Nós não só consideramos justificavel, como presumimos util a pressão popular para que se encare com a devida attenção o momentoso problema, tomando-se as medidas necessarias para aliviar o publico consumidor. Essa pressão seria uma coacção para qualquer governo que não estivesse capacitado da justiça das reclamações populares. Para aquele que as reconhece urgentes, razoaveis e legitimas, ella só pode significar força que o habilite a tomar providencias precisas para fazer cessar uma situação intoleravel.

A força da opinião publica, esclarecida e ponderada, é a base mais sólida da acção dos governos. Podem faltar as individualidades de prestigio que constituíam, pelo conhecimento das suas grandes faculdades de pensamento e de accção, a que garantia d'uma resolução capaz de satisfazer os maximos interesses sociaes. Mas a força da opinião publica, mesmo manifestada na pressão a que alludimos, substitue esse prestigio, porque confere o poder preciso para caminhar sem hesitações em direcção a um fim bem estudado e bem definido.

Não ha duvida de que o povo tem razão. Quanto mais serenamente, embora mais firmemente, puzer a sua força ao serviço da sua justiça, mais se robustecerá o seu esforço e mais facilmente se chegará a uma solução que garanta os meios de vida a uma sociedade inteira, radicando o amor ás instituições que a dirigem.

Francisco Lagoa

A presidir aos autos de arrematação d'algumas empreitadas que se fizeram na administração deste concelho no preterito dia 16, da ponte das Bairradas, esteve nesta vila o nosso amigo sr. Francisco Lagoa, digno condutor de obras publicas em Alvaizere.

Manoel da Silva Telhada

Photographo amador

FIGUEIRO DOS VINHOS

Agenda semanal

Cumprimentámos nesta vila o nosso amigo padre Higinio Lopes do Rego, paroco em Aguda.

Tambem aqui cumprimentámos os nossos amigos e assinantes srs. José Francisco Loja e João Antonio dos Santos, de Campelo; Manoel Francisco Antunes e Manoel Dias Rolo, dos Rapos; João Coelho de Carvalho, da Castanheira de Pera; Vicente Henriques Fernandes Dias, do Carregal Cimeiro.

Acompanhado de sua esposa, esteve nesta vila o nosso amigo e assinante sr. Alfredo Lopes David, do Bolo.

A tratar dos seus negocios veio a Figueiró e deu-nos a sua visita o nosso amigo sr. José Henriques de Campos, do Camelo.

O reacionario Manoel de Sousa Ribeiro

Para melhor explorar o povo pretende indispo-lo com a Republica

O conhecido reacionario e inimigo irreconciliavel da Republica, Manoel de Sousa Ribeiro, que, não obstante, declarar publicamente, e até oficialmente, não ser o paroco desta freguezia, conserva em seu poder, contra o disposto no art. 10 do codigo do Registo Civil, o registo parochial, desta freguezia, do qual passa as precisas certidões, deu-lhe agora, para, em defeza dos seus interesses, indispor o povo contra as instituições.

No ultimo domingo, em plena missa, declarou que a **Republica lhe não dá nada**, e como não pode viver do ar, é preciso que o povo se lembre do seu **bom paroco**, e todo lacrimoso acrescenta: «Espero que não fecheis a porta ás pessoas que, de vós, vão receber a minha congrua, e assim mereceis a graça de Deus.» Este masmarro que recusou do governo, 800 ou 900 reis, por dia.

Este masmarro, que, todo arrogante, se tem recusado a aceitar varias pessoas, como padrinhos; este masmarro, que, em publico, declarou que exporia, á porta da igreja o nome de todas as pessoas que não se confessassem; este masmarro que se tem recusado a confessar algumas pessoas, especialmente mulheres; este masmarro que impez ao povo, a obrigação de batisar seus filhos, no praso de 60 dias; este masmarro que diz ter excomungado muitos figuei- roenses; este masmarro, repetimos, que ontem, altivo e orgulhoso se impunha ao povo, hoje, no momento que pretende extorquir-lhe uns miseros vintens dirige-se-lhe humildemente e de lagrima ao canto do olho.

Jesuita! Hipocrita.

Mas tu, povo, abre os olhos, espulsa da tua porta e denuncia á administração do

concelho, os que, em nome do masmarro Manoel de Sousa Ribeiro, te vão tirar o que, por ventura, tua familia hade comer á ceia.

Atende no que te dizemos.

Se quizeres ir á igreja batisar um filho, tens de pagar, ao tonsurado Ribeiro, 800 ou 1.000 reis.

Se quizeres casar a filha, tens igualmente de pagar ao reacionario padre Manoel 2.500 ou 3.000 reis, e quando tiveres a infelicidade de te morrer uma pessoa de familia, voltas a pagar ao mesmo padre 700 ou 800 reis. Então para que lhe pagas, uma certa quantia no fim de cada ano?

E, enquanto tu, sob um sol ardente, de manhã á noite, andas agarrado ao cabo d'uma enxada, ganhando honradamente o teu sustento e dos teus, esse masmarro, que no alto da cabeça tem a significação da sua utilidade, está talvez deitado comodamente á sombra d'uma arvore ou em cima da cama, escarnecendo de ti.

Com que direito, esse homem que nada produz, te aparece a exigir-te que repartas com ele, o que tua familia hade comer, e que tantas pingas de suor te custou?

Que serviço te prestou ele?

Atende pois no que te dizemos e verás que temos razão.

Não admira que este masmarro, abusando da ignorancia do povo, o explore e embuteça.

O que deveras nos surpreende é o indiferentismo com que o Governo olha para as proezas deste masmarro que não perde ocasião para ostilisar a Republica e suas leis.

Muito temos para dizer ao Ex.^{mo} Ministro da Justiça, mas devagar que temos preça.

PRAIAS E TERMAS

Dr. Eduardo Correia

Afim de fazer uso das aguas, saiu para as Pedras Salgadas, o nosso amigo sr. dr. Eduardo Pereira da Silva Correia, digno presidente da camara municipal da Castanheira de Pera.

Dr. José Delgado

Acompanhado de s. ex.^{ma} esposa, encontra-se na Figueira da Foz, o nosso amigo sr. dr. José Delgado da Silva Ribeiro, digno notario nesta comarca.

Antonio Luiz Agria

Para a mesma cidade, onde já se encontrava sua familia, tambem para ali seguiu o nosso amigo sr. Antonio Luiz Agria, desta vila.

Zilo Alves da Silva

Encontra-se novamente entre nós este nosso presado amigo, proprietario do Café Peninsular da R. do Arco Bandeira n.º 120 a 125 que veio visitar seus paes, por quem é muito estimado.

Cumprimentamo-lo.

EXCURSÃO

Retificando a noticia que com esta epigrafe saiu no nosso n.º 242, de 5 do corrente, temos a acrescentar ao numero dos amigos ali descritos, o nome do não menos abalisado cidadão, José Ferreira Guimarães, proprietario e negociante em Ancião. Pedimos desculpa a este cavalleiro da omissão na primeira lista o que não foi com intenção malevola.

Alfredo Correia Telés

De passagem, cumprimentámos nesta vila o sr. Alfredo Correia Teles, brio- so academico, de Castanheira de Pera.

Manoel Abreu

Encontra-se em Lisboa, o nosso estimado amigo sr. Manoel dos Santos Abreu, que ali foi acompanhar os seus amigos srs. dr. José Nunes do Nascimento, advogado em Evora, e José Olivares Marin e seu filho, residentes n'aquella cidade.

FANTASIA

*Se um dia o mar—o velho cantador
A triste voz calasse, fatigado,
Como um grande Titan, atraído,
A morrer da saudade d'esse amor,*

*Se a agua, n'um soluço de estertar
Se sumisse, deixando abandonado
Todo o fundo bizarro, variegado,
Onde nasce e domina e vive a Côr,*

*Se a terra inteira, n'uma angustia triste,
Como quem ao abrir da cova assiste,
Um novo mar pedisse, em anciedade,*

*Com a tortura d'um amor desfeito
Formaria ao rasgar todo o meu peito
Um largo mar cantante de saudade.*

Josette Crosse

A escola feminina

Já vinhamos ha muito tempo clamando bem alto para a sede desta freguezia, de Vila Facaia uma escola feminina, de que necessita e merece mais do que algumas terras que sem serem sédes foram contempladas.

Ha muito já era mas mesmo assim os nossos incessantes e justos clamores perdiam-se no campo arido da indiferença.

E este constante aniquilamento de energias que nobremente trabalhavam para um mesmo fim, fez com que mais tarde se sobreexcitassem os animos que estavam num estado absoluto de morbidez.

Mas como todos já sabemos, em Portugal a Instrução, embora seja um dos factores que mais contribue para o resgate e emancipação dos povos e para o aperfeiçoamento moral e intelectual dos mesmos, encontra-se num verdadeiro caos, sem uma lei basilar que é considerado um dos problemas mais intrincados que ha para resolver, e assim se vê como era de prever a superficialidade com que se olha para estes assuntos e por consequencia o desprezo que votam a qualquer reclamação feita neste sentido; e o professor, o organisador das consciencias das creanças d'oje e homens d'amanhã, o incançavel obreiro da civilisação, continua definhando-se num ambito infecto, assim como a escola que é aquela que mais contribue para o desmoronamento da barreira formidavel das trevas e para abrir o caminho da Luz e da Nação, continua tambem cercada por uma atmosfera dubia e mesquinha.

A vitima, a desventurada vitima, que é o Povo, fica como sempre vexado e abandonado, dizendo mal da sua vida, por ser incapaz de arremessar para bem longe com a pesada grillheta que o oprime e inibe de entrar no campo da egualdade.

Sim, o Povo, o pobre Zé

Pagante, sem um alivio, sem uma palavra de consolação, lá fica embrutecido no meio das trevas... no ermo.

E se havia algum assunto que merecia ser estudado e observado atentamente, era este um d'eles porque tinha em vista o sagrado fim de combater o analfabetismo que é duma enormissima percentagem em Portugal. Mas emfim, num rasgo de heroismo, o acisolado povo desta freguezia que é trabalhador e não necessita que o chamem ao cumprimento dos seus deveres, encarregou uma comissão para tratar do momentoso assunto menospresado. E ela soube, embora, à custa de muitos trabalhos, cumprir zeloso e cavalheirescamente a sua missão, entregando-lhe uma casa dotada de excelentes condições higienicas e pedagogicas, para a qual contribuíram todos os que encaram devidamente esta serie e delicada materia, tanto dentro como fóra da freguezia. Ainda não está completamente pronta, mas a comissão tenciona, já não digo acabar porque para isso lhe falta o peculio, mas comtudo empregar até aos ultimos cinco reis, já que é obra tão sublime e tão humanitaria, para em seguida a entregar ao governo, para que cumpra o que a lei, a este respeito, consigna.

O governo tomará na vida conta o arduo trabalho da comissão e providenciará em conformidade com as necessidades?

Assim o esperamos para bem da nossa terra e da Republica.

Vila Facaia, 10-8-915.

Antonio L. da Costa

ROUBO

No dia 14 do corrente, das 8 para as 13 horas, roubaram de uma ramola da fabrica da Foz, em Castanheira de Pera, cerca de 20 metros de pano preto de segunda, com meio pelo.

Quem for declarar á dita fabrica o nome do autor do roubo tem de gratificação esc. 5\$00

Lar em festa

No dia 10 do corrente o sr. Manoel Simões Herdade Novo, negociante nesta capital, festejando o seu aniversario natalicio, batisou seu galante filhinho Alvaro, tendo sido seus padrinhos o sr. José Simões Herdade e ex.^{ma} sr.^a D. Maria Sampaio e aproveitando a já dupla festa, o sr. Manoel Simões Herdade Novo e sua digna esposa D. Angelica de Jesus Herdade, batisaram sua gentil sobrinha Olinda, filha de seus cunhados sr. Antonio Manoel e D. Maria do Carmo Sousa, tendo estado presentes a estes atos e lauto banquete, que se seguiu, os srs. Manoel Siqueira auxiliar da «S. Paulo Railway», Alfredo Borges Franco, Humberto Lopes Agostinho, C. Sausoni, Artur Ferreira da Costa, D. Margarida F. da Gosta Balmiro R. Leituga e seu filho Oswaldo, D. Maria Loengc, Francisco M Cepido, Pedro Fila, Joaquim Vicente Cardoso, Januario Abrahão, e familia D. Maria Adelaide e familia João da Silva Agria e familia, Tito Almeida Castela, Alvaro Lacerda de Castro, Brandão filho, e muitas outras pessoas que não podemos tomar nota dos nomes, tendo havido muitos brindes especialmente o do sr. Manoel Siqueira, que foi eloquentissimo na sua alocução. Já alta noite acabou a festa, tendo-se retirado todos os convidados penhorados com os donos da casa que foram incansaveis em gentileza com todos.

No proximo paquete que sae d'aqui no dia 27, segue o nosso amigo Alexandre Simões Herdade, d'esse concelho.

Boa viagem lhe desejamos. S. Paulo, 22-7 915.

Correspondente.

Teatro

O grupo de amadores, desta vila, que tão proficientemente se exhibiu no preterito dia 8, tendo em alta consideração, o entusiasmo com que as damas e cavalheiros, de Figueiró, acolheram a sua ideia, e ainda para engrassar o produto da ultima recita, resolveu dar outro espectáculo, que teve lugar no ultimo domingo.

Com uma concorrencia extraordinaria, pois, não se via um lugar vago, começou o referido espectáculo ás 22 horas, com a engraçada comedia «O Telefone», que, como todos os numeros do espectáculo, muito agradou.

Devemos, porem, especialisar os engraçados monologos «Já dei o que tinha a dar» e «Acho que assim que está bem» artisticamente desempenhados, respectivamente, pelos srs. Manoel Gameiro Santos e Joaquim Granada.

Como no espetáculo anterior, os intervalos foram abrilhantados pela excelente orquestra, regida pelo sr. João Antonio Semedo.

CASA — Vende-se uma casa no largo da Praça, em frente da igreja. Quem pretender dirija-se a esta redacção.

FALECIMENTO

Após doloroso é prolonsofrimento, finou-se no dia 13 do corrente, no logar d'Aldeia d'Ana d'Aviz, a sr.^a Matilde d'Assunção Telhada, esposa estremecida do nosso amigo sr. Manoel d'Assunção. A extinta que estava ligada, por laços de parentesco, á illustre familia Telhada, oriunda de Figueiró, era dotada de brilhantes qualidades, sendo a sua falta muito sentida, principalmente pelos pobres, de quem a finada era verdadeiro amparo.

O seu funeral foi extraordinariamente concorrido, não nos sendo possivel tomar nota de todas as pessoas que acompanharam a illustre extinta á sua ultima morada.

Lembra-nos, porem, das seguintes:

José Miguel Fernandes David, José M. Godinho, Manoel Q. Paiva, Francisco Ferreira, Manoel P. dos Santos, Carlos Liborio, Manoel da S. Telhada, Manoel A. Carvalho, José S. Herdade, Anibal Silveira Herdade, José da S. Telhada, José Simões, Martinho M. Sousa, Albino Nunes, Bernardino Antonio, João Gomes, Benjamin A. Mendes e Manoel D. Coelho.

Sobre o cadaver foram depositadas tres lindas coroas, oferecidas por pessoas de familia de que foram portadores os srs. José Silveira Herdade, João Gomes e José da Silva Herdade.

A toda a familia enlutada e especialmente ao nosso amigo sr. Manoel Henriques Junior, apresentamos os nossos sentidos pezames.

Adubos quimicos

Só podem esperar abundantes e remuneradoras colheitas os lavradores, que tiverem o cuidado de empregar boas adubações quimicas.

Está, hoje, absolutamente demonstrado que nenhuma cultura pode atingir pleno desenvolvimento, nem dar abundantes colheitas, se não encontrar, no respectivo terreno, os necessarios elementos fertilizantes.

E', por isso, que, antes de explorar determinada cultura, se impõe a necessidade de ver bem, e sempre, qual a natureza do terreno e fornecer-lhe, por meio de adubações quimicas, apropriadas, todos os elementos, que por ventura lhe faltarem.

Não proceder assim é comprometer, fatalmente, o bom exito das explorações agricolas porquanto, não tendo as plantas favoraveis condições de vida e desenvolvimento, é evidente que nunca poderão compensar, nem pela abundancia nem pela qualidade das colheitas, as despezas feitas pelos lavradores.

A casa **O. Herold & C.^a**

fornece fórmulas de adubos quimicos, proprios para todos os terrenos e para todas culturas, estando tambem sempre á disposição dos Srs. lavrado-

res para, já vista de uma pequena amostra de terra e da indicação da cultura pretendida, lhes dizer qual a melhor formula de adubo, a empregar em cada caso especial. Todos os pedidos devem ser dirigidos a

O. Herold & C.^a
SECÇÃO IV.

Rua da Prata, 14 — Lisboa

ALFAIATARIA

Novo Mundo

Em frente do Tribunal

FIGUEIRÓ DOS VINHOS
O melhor atelier da provincia

Corte pelo sistema inglez

Fazem-se todas as obras da arte, homem, senhora e criança, com a maxima perfeição e sempre pelos ultimos figurinos.

Toma-se inteira responsabilidade por todas as obras.

Gerente e contra-mestre um dos mais abeis artista de corte.

Todos devem experimentar esta alfaiataria modelo, que se prontifica a ficar com a obra quando não agrada ao freguez.

Grande secção de casimiras nacionaes e estrangeiras compradas directamente nas melhores fabricas.

Prevenimos as nossas Ex.^{mas} clientes de que tem toda a vantagem em comprar as nossas fazendas por motivo do feito que será sempre mais barato e as unicas a serem servidas em occasões de maior movimento.

Ferreira & C.^a

J. Paiva & A. Fraga
Ourives-Joalheiros

6, Rua de Palma, 12 — LISBOA

Lembramos aos nossos amigos e freguezes que continuamos vendendo todos os artigos de ourivesaria e joalheria por preços com os quaes ninguém pode competir (embora haja quem se incommode por vendermos tão barato) Pedimos uma visita á nossa casa, confrontem a qualidade dos brilhantes e seus preços e verão depois quem melhor e mais barato vende. Cordões correntes, anéis, alfinetes e mais objectos de ouro só pelo pezo 6 e 12, Rua de Palma, 10 e 12

Não confundir — I.
Fraga subindo a rua — Telephone 3676

Camas de ferro

Ha grande variedade de camas de ferro, lavatorios, colchões e encherçoes, no estabelecimento de José Miguel Fernandes David, pelos preços da fabrica.

Godinho & Linto

FIGUEIRO DOS VINHOS

Casa depositaria da Companhia dos Tabacos de Portugal

Agencia de vendas nos concelhos de Figueiró dos Vinhos, Pedrogam Grande, Alvaizere e Ancião.

Dep. de Phosphoros, Aguas de Vidago e Polvora do Estado

CORRESPONDENTES:

- do Banco Commercial de Lisboa
- » Nacional Ultramarino
- » Alliança do Porto
- » Economia Portugueza do Minho
- » Lisboa & Açores e das

CASAS BANCARIAS

- Credit Franco-Portugais
- José Henriques Toita & C.^a Lisboa
- Silva, Beirão, Pinto & C.^a Porto
- J. M. Fern. Guimarães & C.^a Porto
- Pinto da Fonseca & Irmão
- Borges & Irmão

Cobrança de letas e saques sobre todas as terras do paiz.
Paga saques d'Africa, Brazil, America do Norte, etc.
Desconta cheques sobre todas as praças estrangeiras.

Compra libras, ouro portuez, notas e dinheiro de paizes estrangeiros.

Compra e venda de titulos da divida publica, açoes e obrigações de Bancos e Companhias.

INFORMAÇÕES



Effectuam-se seguros sobre edificações, Fabricas, Estabelecimentos, Mobilia, Cereaes, Cortiça, Arvoredo, etc.

Esta officina encarrega-se de todo o trabalho de jazigos, mauseus e campas.
Cantarias e ornamentações, tanto em calcario como em mármore, a qual tem desenhos de jazigos, para escolher, em estilos antigos e em ARTE MODERNA.
Tem deposito de bancas de cozinha e mauseus em lousa preta.
Encarrega-se tambem de fazer esculturas, bustos em pedra, barro, gesso, etc.

Toma conta de qualquer trabalho fora de Coimbra

RELOJOARIA E OURIVESARIA

DE

Manoel Lourenço Gomes dos Santos

FIGUEIRO DOS VINHOS

Participa ao publico que acaba de chegar a esta antiga e acreditada casa um grande sortido de relojoaria e ourivesaria de todas as qualidades e para todos os preços.

Relogios historicos; ditos com corda para quatrocentos dias e outros com lindas peças de musica.

Estes relgios são da maxima confiança, afiançados por 3 ou 4 anos e não trocam as horas.

Concertos em todos os relgios a preços convidativos, sendo estes garantidos.

Nesta acreditada casa tambem o publico encontra uma enorme variedade de gramofones e um colossal sortimento de discos com as mais lindas variadas peças de musica, muito proprias da atualidade.

Vende maquinas de costura, por preços barattimos e convenientes, alem disso tem tambem maquinas novas de pé e mão aos seguintes preços e a pronto pagamento: de mão a dezoito escudos, (18\$000); de pé desde vinte a trinta e um escudos, 20\$000, 31\$000; sendo estas afiançadas por 5 anos.

Compra prata e ouro velho, por bom preço

JAZIGOS—Officina delCanteiro em Alcobaca—N'esta officina executa-se a construção de jazigos, campas, pedestaes com vaso ou pirâmide e todas as cantarias para qualquer predio, tanto em molduras, como ornatos, quer em Liós ou em pedrabranca—preços barattimos. Envia-se amostras e desenhos. Todos os pededidos ao proprietario, Fernando dos Santos Cordero

GRANDE LIQUIDAÇÃO

NO

BARATEIRO DA POVA

O proprietario d'este estabelecimento, que é o que maior sortido tem, vende todas as fazendas por preços sem competencia, em consequencia da liquidación que está fazendo por motivo de obras a que vai proceder.

Fazendas de lã, algodão e seda.
Miudezas, mercearia e brinquedos.

Sola e cabedacs e todos os artigos para sapateiro, por preço mais baixo do que em qualquer parte

Camas de ferro, colchões, enxerções e lavatorios

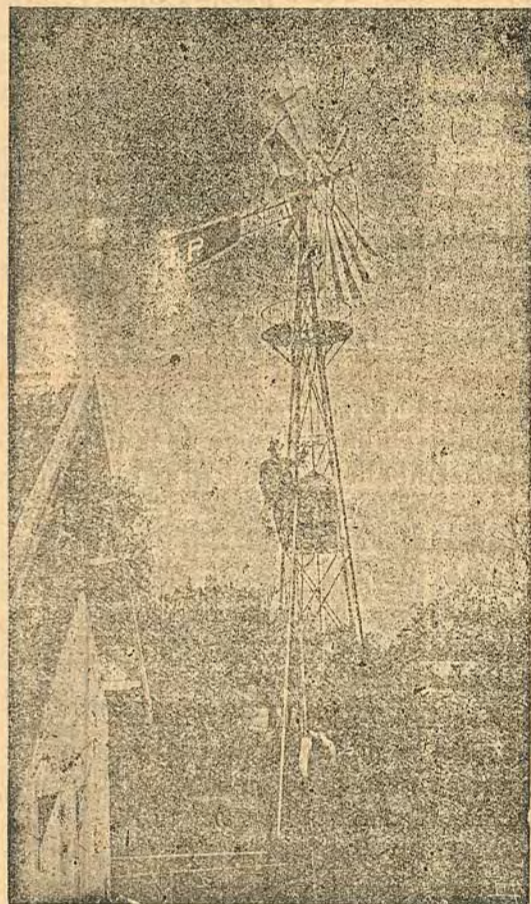
O proprietario

JOSÉ MIGUEL FERNNDES DAVID

FIGUEIRO DOS VINHOS

NOVO AER-MOTOR

Mais solido, mais perfeito em pias bara to



Este novo systema de extrair agua dos poços garante a sua pureza para o consumo

Trabalhando com pouco vento, é, contudo, o melhor processo de moinhos de irrigação.

LUZ A GAZOLINA SISTEMA HIZARD

Qualquer instalação, encarrega-se de a fazer nos concelhos de Figueiró dos Vinhos, Pedrogam e Gerfã—Alfredo Gomes da Silva—RAGAE

Inventor e constructor—Jeronymo Rodrigues Pinhão
Figueiró dos Vinhos

Café de 1.^a qualidade

Provem o delicioso café que acaba de chegar ao

BARATEIRO DO PONO

em latinhas de 6, 8, 12 e 16 centavos.

Tambem ha avulso, uma especialidade d'esta casa que não receia competencias.

TIPOGRAFIA "UNIAO FIGUEIROENSE"
Execução perfeita de todos os trabalhos tipograficos